
ESCOLA SEM PRECONCEITOS (VÍDEO DIDÁTICO EXPERIMENTAL, 74', 2012) – DIREÇÃO PEDRO NUNES

Virgínia de Oliveira Silva^(*)

O Brasil possui diversas produções cinematográficas que enfocam a escola como conteúdo principal ou como cenário de suas ações. Há diversos exemplos disso, seja do gênero documentário, como o laureado longa-metragem *Pro dia nascer feliz*, de João Jardim, seja do gênero ficcional, como o premiadíssimo curta-metragem “Eu não quero voltar sozinho”, de Daniel Ribeiro. Mas é bem verdade que estava faltando um produto audiovisual saído do próprio seio de uma instituição educacional para refletir por dentro “a delícia e a dor de ser o que é”.



Equipe de produção do vídeo **Escola sem PREconceitos** | Direção - Pedro Nunes
Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre a Mulher e Relações de Sexo e Gênero | UFPB

Surge para completar um pouco tal lacuna o vídeo didático experimental *Escola sem PREconceitos*, dirigido pelo professor Pedro Nunes, da Universidade Federal da Paraíba, focando a homofobia, acessibilidade, gênero e as diferentes formas de preconceito entre alunos e professores nas escolas. Para apresentar e debater a temática do preconceito na escola, com a finalidade de esclarecer alunos e professores acerca dos traumas causados pelos atos de violência física ou

^(*) UFPB. E-mail: cinestesico@gmail.com.

psicológica que se passam no ambiente escolar, conhecidos mundialmente como bullying, o diretor contou com o luxuoso auxílio de sua competente equipe de profissionais, egressos da própria UFPB: produção executiva de Elton Bruno Pinheiro; captação de imagens e edição de Aderaldo Júnior; animação e vinhetas de Diego Brandão; assistência técnica de Ewerton Monteiro e Marcelo Quixaba. A excelente trilha sonora ficou a cargo do DJ Angelis Sanctus e Aka Claudio Manoel Duarte da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, contando com a composição homônima ao filme e participação do Repper Elvis Expressando (Elvis Baptista Costa) e do Beat Box Mr. Low (Ítalo Lucas dos Santos) da UFPB.

O longa-metragem integra um conjunto ações educativas, desenvolvidas pela equipe do Projeto Aprender em PAZ, coordenado pela Professora Glória Rabay (UFPB), com o apoio financeiro direto da Secretaria de Educação Continuada, Diversidade e Inclusão, do Ministério da Educação (Secadi/MEC), e a produção do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre a Mulher e Relações de Sexo e Gênero (Nipam). Internamente à UFPB, o filme recebeu o apoio do Departamento de Comunicação Social e Turismo (Decomtur), do Laboratório de Desenvolvimento Multimídia Interdisciplinar (LDMI), e do Núcleo de Produção Digital. E, externamente, contou com ajuda da Associação Brasileira de Documentaristas – Seção Paraíba – ABD-PB¹.

Em recente material de divulgação, Pedro Nunes afirmou que “Através do Nipam-UFPB, submeteremos o referido trabalho audiovisual ao MEC e à Secadi que selecionarão produtos audiovisuais para distribuição nas escolas de todo o país, e nosso vídeo integra esse coletivo de material didático com apoio oficial do Ministério da Educação. Pela qualidade rebuscada de nosso vídeo em termos de experimentação de forma e conteúdo, esperamos atender integralmente os critérios técnicos de seleção.”

Em “Escola sem PREconceitos”, profissionais, pesquisadores e estudantes de uma instituição de ensino superior, a UFPB, aceitam o desafio e se debruçam sobre o cotidiano da escola, para refletir sobre as suas questões mais íntimas e escusas, tais como as diversas formas de preconceito, sobretudo os relacionados às questões de gênero, à homossexualidade, o bullying, a violência, o desrespeito e o assédio moral.

Esse exercício metalinguístico parece contribuir em muito para o potencial e vigor do filme: professores, professoras e estudantes da educação básica e do ensino superior, portadores de necessidade especiais, mães, a Secretária Executiva da Mulher e da Diversidade Humana, ativistas

¹ O vídeo está disponível para download na internet no link: <<http://www.youtube.com/watch?v=wyguYC62oMc>>, e será distribuído materialmente para as escolas da rede pública do estado da Paraíba.

dos movimentos sociais organizados, tais como da Associação das Travestis da Paraíba (Astrapa), do Movimento do Espírito Lilás (MEL), do Grupo de Mulheres Maria Quitéria e dos Direitos Humanos, enfim, representantes dos diversos segmentos educacionais formais e informais soltam a voz (em entrevistas guiadas ou em depoimentos mais abertos) diante da câmera para analisar o papel contemporâneo da escola, avaliar o que ela oferece em sua estrutura e em seu cotidiano, espanando a poeira há muito depositada sobre o estatuto do processo de silenciamento de questões tão importantes.

Pedro Nunes, professor do Curso de Comunicação Social da UFPB, desde o seu curta-metragem “Closes”, realizado em Super-8, ainda no início da década de 1980, se utiliza dos recursos audiovisuais para por em questão a temática da homossexualidade, a que retoma também no conteúdo desse seu novo documentário “Escola sem PREconceito”.

Formalmente, o diretor põe mais tempero na sempre difusa divisão entre gêneros cinematográficos, ao não só abrir seu documentário com uma pequena animação, como por utilizar desse recurso ao longo do filme (inclusive, nas vinhetas de apresentação dos personagens), além de enxertar aqui e ali reportagens ou trechos ficcionais, representando a vida de alguns estudantes.

O cenário do documentário é o Lyceu Paraibano, instituição pública de educação fundada em 1837. Estudantes e docentes do Lyceu dão seus depoimentos, entrecortados por análises de especialistas que aprofundam o tema da violência na escola, na perspectiva dos Direitos Humanos e do respeito às diferenças. O vídeo mostra casos de homofobia entre alunos e professores, preconceitos por questões de gênero ou até mesmo por deficiência física ou negritude. Alguns casos extremos de violência na escola, a exemplo de assassinato de professor e da morte de discente por causa do tipo de corte de cabelo, são analisados didaticamente, sem os artifícios do sensacionalismo.

O local escolhido para a realização das entrevistas com os militantes, pesquisadores e educadores é o estúdio de TV do Decomtur – UFPB, decorado ao fundo com banners e oferecendo projeções em multimídia de ensaios fotográficos produzidos pelo diretor do filme, cujos temas, acompanhando a tônica presente na imagem símbolo do documentário (uma mochila multicolorida), são: lápis de cor, lápis de cera, mãos totalmente coloridas, acessibilidade e palhaços na escola.

Essa palheta de cores permeará o filme inteiro, seja no que acabamos de descrever, seja no ato de se privilegiar um determinado enquadramento em cenas externas, como a que representa o cotidiano de um estudante do Lyceu Paraibano, revelando-se a arte dos grafites nos muros da cidade

de João Pessoa. Como a nos lembrar que o mundo é repleto de cores e todas elas podem conviver muito bem, seja metaforicamente nas caixas de lápis de cor e de cera, seja na realidade da diversidade étnico-racial, sexual e cultural encontrada em nossa sociedade, de um modo mais amplo, e em nossas escolas, de uma forma mais específica.

São citados como preâmbulo para as entrevistas alguns dados extraídos de pesquisas, estatísticas, jornais e revistas sobre o processo cada vez mais crescente nas escolas do registro da violência entre professores e estudantes, estudantes e estudantes e pais e professores; sobre o aumento da incidência de bullying presencial e virtual; e sobre a intolerância à demonstração pública da homoafetividade.

Como a escola não se encontra boiando no éter do espaço sideral, mas, ao contrário, está relacionada a um dado momento e lugar terrestres, ela, além de produzir e socializar conhecimentos, também tende a reproduzir certos padrões socioculturais estabelecidos e considerados como “normais” pela sociedade na qual está inserida. É o que podemos concluir a partir do que nos oferecem os exemplos dos fortes depoimentos de quem viveu sob o estigma do preconceito, bem debaixo do teto escolar, exatamente aquele em que, ingenuamente, poderia se julgar em plena segurança e proteção. Destaca-se aqui, sobremaneira, a participação no documentário de Fernanda Benvenuto, representante da Astrapa.

Segundo Pedro Nunes, “A proposta audiovisual tem como locações a cidade de João Pessoa, mas a temática, as argumentações apresentadas e os exemplos são universais e se adaptam à realidade de preconceito que ainda existe nas escolas em todo o Brasil. Assim, o vídeo tem como principal meta estimular o debate entre professores, pais e alunos, principalmente os servidores e educadores do ensino médio acerca das intolerâncias que persistem nas salas de aula. Sabemos que na Paraíba há inúmeros casos de preconceitos e violência nas escolas e com isso quisemos produzir material audiovisual que pudesse ser utilizado como suporte didático aos estudantes e educadores paraibanos.”

O filme serve como um alerta para o fato de que a existência e a permanência insistente de atitudes preconceituosas, violentas, intolerantes e segregacionistas no ambiente educacional podem ser enfrentadas diuturnamente por parte das instituições governamentais, dos grupos de pesquisa, das mais variadas organizações civis, dos movimentos sociais e de todos e todas que participam do tempo-espaço escolar.

A escola é reconhecida, assim, como um importante lócus para se experimentar as políticas públicas de ações afirmativas, se combater dialeticamente a reprodução dos preconceitos e para se

realizar a mediação e o debate crítico dos conflitos, para cumprir, enfim, aquilo que se buscou categorizar durante todo o filme: o seu papel social.

Recebido em abril de 2013
Aprovado em abril de 2013